

UM AUSTRIACO EM JACOBINA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. Padre Alfredo Haasler: contatos e alianças.

Gilmara Ferreira de Oliveira Pinheiro¹

RESUMO: Em 1938 foi enviado para a paróquia de Santo Antônio da Jacobina, o padre Cisterciense Alfredo Haasler. Em pouco menos de um ano, o padre iniciou uma vasta obra missionária para a região de Jacobina: as Escolas Paroquiais que se constituíram em uma rede de 48 Escolas. Para a fundação e manutenção dessas escolas, cercou-se de aliados representativos da elite local e tornou-se grande símbolo de fé e obediência por parte do povo daquela região. Busca-se analisar indícios da trajetória do Padre Alfredo Haasler, enquanto personagem histórico, suas representações passadas e presentes; seus significados para a região de Jacobina. Para essa análise, é feito uso de fontes orais, bigrafia escrita sobre o padre Haasler, documentos das Escolas Paroquiais tais como as Atas de reuniões, Ata de Fundação, Estatuto das Escolas e fotografias da época.

PALAVRAS-CHAVE: Escolas Paroquiais, Igreja Católica, Cistercienses.

Em Setembro de 1938, chegou à cidade de Jacobina no interior do Estado do Bahia, a ordem missionária Cisterciense e com ela, o padre austríaco Alfredo Bernardo Maria Haasler. Sua vinda para a região esteve relacionada ao novo projeto missionário religioso e educacional assumido pela Ordem Cisterciense no Brasil a partir da década de 1930, em consonância com os princípios romanizadores empreendidos pela Igreja Católica, através do papa Pio XI.

Internamente, a Igreja Católica na Bahia, havia criado condições propícias para a implantação dessa Ordem Monástica em terras do sertão com a criação da diocese de Senhor do Bonfim e o deslocamento de um bispo que, formado dentro do princípio restaurador católico, “defenderia” a Igreja Católica na região do espectro das ditas religiões acatólicas. Assim que tomou posse da diocese, D. Hugo Bressane traçou seu plano de reestruturação da paróquia de Santo Antônio da Jacobina, e a entregou *In Perpetuum* para a Ordem de Cister. Esta designou padre Alfredo Haasler como pároco e responsável pelas ações romanizadoras naquela região, revelando-se assim um projeto bem articulado e determinante para os sertões das Jacobinas. A ação desse cisterciense

em Jacobina, contou com a construção de 48 Escolas Paroquiais, a partir de 1939, em toda extensão da Paróquia pela qual se tornou responsável.

À época da chegada do padre Alfredo Haasler, o cenário político, religioso e educacional da região de Jacobina não era diferente das demais cidades baianas, sobretudo àquelas mais interioranas. No âmbito nacional, a Igreja Católica que havia deixado de ser religião oficial do país, passou a ter no Protestantismo e Espiritismo seus potenciais concorrentes. Diante disso, buscou junto a políticos católicos garantir a obrigatoriedade do ensino de religião nas escolas públicas e sufocar o crescimento das religiões consideradas *acatólicas*. Este foi o caso do jornal *O Lidador* que, por se alinhar à doutrina Espírita, foi fortemente combatido pela Igreja Católica em Jacobina, o que resultou no fim de suas atividades em 1943.

No início do século XX, a política da Igreja Católica esteve marcada pelos esforços em fundar um completo sistema educativo indo desde escolas paroquiais, colégios de ensino secundário, escolas normais e profissionais até universidades. Enquanto isso, o episcopado brasileiro, apoiado pelo Concílio Plenário, procurou reintroduzir o ensino religioso nas escolas públicas.

As pastorais coletivas do episcopado brasileiro recomendavam a fundação de escolas primárias em cada paróquia, que se tornaram conhecidas como escolas paroquiais. Essas instituições escolares eram consideradas estratégias importantes na cruzada contra as escolas públicas laicas instituídas pelo regime republicano, que se estribavam na chamada “pedagogia moderna”. (...). Entre a instauração da República e meados do século XX, a Igreja Católica, em processo de romanização, construiu uma grande e nacionalizada rede de instituições educativas, que incluíam escolas paroquiais, colégios de ensino secundário e universidades, entre outras. Nas primeiras décadas do novo regime, quando as escolas públicas foram laicizadas, os bispos e padres articularam a criação de escolas paroquiais para fazerem contraponto às “escolas sem Deus” do governo².

No que se refere à educação brasileira, entre os anos 1920 e 1930, o número de alunos do ensino primário havia quase duplicado, e esta expansão tendia a acelerar-se. Realidade que fez com que a Igreja Católica passasse a defender a introdução do ensino religioso nas escolas públicas, pois assim, estaria garantindo sua influência sobre as classes populares urbanas³.

Nesse período, a região que compunha a Paróquia de Jacobina⁴ esteve marcada pela falta de professores e escolas primárias elementares, e o analfabetismo na região atingia números elevados. O jornal *O Lidador* denunciou essa carência em algumas

matérias⁵. Em abril de 1939, o periódico indicou a necessidade de escola pública no distrito de Itapicuru, distante oito quilômetros da cidade de Jacobina.

(...) Mas, Itapicuru, tem sido, infelizmente esquecido pelos Poderes Públicos. Apesar de sua renda, de sua população: Itapicuru não tem um simples “lampeão” que guie o transeunte nas noites trevosas; não tem Subdelegacia de Polícia; não tem um distrito de Paz, e, o que mais surpreende ... não tem uma escola pública, para um número de 200 crianças que ali vivem abandonadas, na treva do analfabetismo!...⁶

Dados do censo do IBGE de 1940 publicados no jornal *Vanguarda*⁷ revelaram que a população brasileira maior de 18 anos, representava um percentual geral de 55% de analfabetos, variando os coeficientes de região para região. Uma média de 40% para o Sul do País, enquanto que no noroeste o percentual elevava-se a 72%, já nos Estados do Oeste e do Norte, a proporção média era a mesma nacional, 55%⁸.

Os resultados apresentados pelo censo de 1940 fez com que o governo federal lançasse “Campanha em prol da Alfabetização”. O objetivo em alfabetizar o Brasil relacionava-se ao da construção de uma nação civilizada. Durante a Era Vargas o discurso em prol da alfabetização perpassou pela ideia de que o analfabetismo se constituía enquanto “peso morto para o progresso da Nação” e por isso, o ensino tornou-se “a matéria de salvação pública”⁹. A Igreja Católica aliada aos interesses do Estado se posicionou apoiando a campanha. Em 1947, o jornal *O Itaberaba*¹⁰ divulgou nota sobre o assunto:

Como se sabe, logo foi iniciada a Campanha de Alfabetização, a Igreja Católica manifestou seu apoio ao movimento. O arcebispo de Porto Alegre, por sua vez transmitiu suas impressões sobre a Campanha de Educação de Adultos e Adolescente, organizada em todo o país pelo Ministério da Educação.

“Cada página da história – disse inicialmente D. Vicente Sherer – atesta a solicitude da Igreja pela instrução primária e superior. Onde se levanta uma Igreja ou convento, abria-se uma escola. Não admire, pois, que a Campanha de Alfabetização de Adultos e Adolescentes, em boa hora empreendida pelas autoridades educacionais da União e dos Estados, recebesse, de imediato, nossos irrestritos aplausos consignados em carta circular ao clero e aos religiosos, solicitando sua colaboração em tão louvável iniciativa. Os professores católicos formarão com entusiasmo entre os apóstolos dessa bendita cruzada”¹¹.

A deficiência do ensino primário elementar nas localidades que compreendiam a paróquia de Santo Antônio de Jacobina favoreceu a implantação das Escolas Paroquiais pelo padre Alfredo que viu na educação, uma demanda reprimida, na qual poderia agir e evangelizar. Considerando o contexto educacional, utilizou desse argumento para, onze

meses após sua chegada, fundar a Associação das Escolas Paroquiais de Jacobina¹² que teve como membros, representantes das elites locais, dentre eles, José Marcellino da Silva e a professora Felicidade de Jesus Magalhães.

Em 15 de Agosto de 1939, mesma data que criou a Associação das Escolas, também foi fundada a primeira Escola Paroquial no povoado de Tabua, distante 84 km da cidade de Jacobina. Segundo Lemos, fora o Sr. Marcellino quem aproximara o padre Alfredo de um comerciante que se “interessou” pela construção da Escola no povoado, por questões pessoais.

Não devemos deixar de ressaltar o interesse de Dona Iraci, filha de Otacílio Nunes de Souza, forte comerciante na Praça de Jacobina, na criação dessas escolas. Casada com o alemão Edmundo Von den Bach, veio da cidade de Salvador com o marido e os filhos: Goethe e Marlene, ambos em idade escolar. Suponhamos que o casal veio residir em Jacobina, desejoso de afastar-se das represálias impostas aos estrangeiros, durante a Segunda Guerra Mundial, acusados de “quinta coluna” e que diziam serem seguidores do Eixo. Como a retaliação aos estrangeiros, também já chegava à cidade, a família transferiu-se para o povoado de Tabua, onde aquele abastado comerciante possuía uma usina de descaroçar algodão. Esta mudança veio a facilitar a criação da escola naquele povoado¹³.

A primeira escola nasceu da aliança entre interesses de segmento das elites locais e os objetivos da Igreja Católica para a região, tendo na pessoa de José Marcellino, então, um forte aliado do Padre Alfredo na concretização desses objetivos.

Embora o padre Alfredo e sua Ordem tenham sido alvos de denúncias e perseguições políticas quando chegaram à Bahia, o projeto da criação das Escolas Paroquiais não foi abortado. Ao contrário, a criação da Associação das Escolas Paroquiais de Jacobina em 1939, parece ter sido um dos caminhos encontrado pelo vigário estrangeiro para *driblar* as dificuldades encontradas e, sobretudo, para se cercar de representantes das elites locais e prosseguir com sua missão romanizadora através, principalmente, das Escolas Paroquiais.

No Convento das Irmãs Missionárias do Espírito Santo, ele deixava claro que, no Estatuto existia seu desejo de continuação das Escolas Paroquiais. Explicava que, quando veio para o Brasil como Missionário Monge, para onde ia, não sabia, mas trazia seu plano no pensamento para quando fosse empossado pároco: fundar Escolas Paroquiais com os mesmos requisitos daquelas de sua terra, criando arquivo com os resultados finais denominados de Mapas de Exames

Finais, o que, na verdade foi admirado até pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia¹⁴.

A fala acima ratifica que as Escolas Paroquiais fundadas pelo padre Alfredo Haasler nos sertões da Jacobina fizeram parte do projeto da sua ordem religiosa para o qual ele fora o escolhido como responsável. Para a realização desse, passou um ano nos Estado Unidos da América, vivenciando experiências educacionais de outros monges cistercienses e observando o modelo de escolas paroquiais às quais adaptou à realidade jacobinense a partir de 1939¹⁵.

A fundação da Associação para “manter e controlar” o funcionamento das Escolas Paroquiais evidencia que a criação das Escolas Paroquiais envolveu um projeto articulado e objetivamente determinado para a região por parte do padre Cisterciense recém-chegado à Jacobina. Importante ressaltar que antes da sua chegada, *O Lidador* noticiou a construção de um colégio para meninas como proposta missionária da Ordem para a região¹⁶, o que indica o campo educacional como um dos focos do projeto missionário Cisterciense.

O que parece a princípio, uma ação fruto da benevolência do padre Alfredo Haasler, aos poucos vai se mostrando um projeto amplo da sua Ordem religiosa e da Igreja Católica centrado no ensino primário elementar conforme podemos atestar no artigo primeiro e terceiro do capítulo I do estatuto:

Art. 1 - Fica fundada na cidade de Jacobina, Estado da Bahia sob o patrocínio do São Bernardo, a associação “Escolas Paroquiais de Jacobina” que se regerá pelo presente Estatuto e leis em vigor.

Art. 2 – a associação terá por objetivo a abertura e manutenção de escolas primárias elementares gratuitas na sede e no interior do Município, com o fornecimento de livros e roupas a alunos pobres, promovendo ainda, se possível, a assistência médica e outros benefícios à criança¹⁷.

O entendimento da construção das Escolas Paroquiais como peça principal da missão evangelizadora dos Cistercienses e da Igreja Católica para a região perpassa pela compreensão de que o instrumento da catequese foi bastante utilizado por ordens missionárias estrangeiras em várias regiões brasileiras na primeira metade do século XX.

No sul do país, onde a imigração europeia foi bastante ampla, e no interior dos Estados de São Paulo, Goiás e Minas Gerais, a Igreja Católica investiu na ida de

congregações religiosas estrangeiras que expandiram o alcance do catolicismo e ampliaram a rede de ensino confessional. Este se constituiu enquanto um excelente mecanismo de evangelização e propagação da fé católica nessas regiões. Ao mesmo tempo, o projeto educacional desses missionários combatia outras crenças e credos religiosos fruto da realidade religiosa trazida com o advento da República e do Estado laico.

A cessação do ensino religioso nas escolas públicas levou a Igreja Católica a se articular no sentido de consolidar uma rede de escolas católicas, incluindo as paroquiais, como parte integrante do processo de sua reestruturação institucional¹⁸.

Poderoso instrumento de aculturação, a escola paroquial ou comunitária distinguia-se pela função religiosa que incorporava, ocupando espaço central no esquema de moralização cristã de um sistema de educação formal ainda protegido da moral laica dominante nas escolas públicas. Situava-se geralmente ao lado da própria igreja (capela) e do salão paroquial (...) fundamentada numa disciplina rígida e no respeito hierárquico, elementos básicos de um tipo de ensino calcado na repetição como principal meio de interiorização de comportamentos rituais ao estilo do catolicismo¹⁹.

Imbuído do espírito restaurador da Igreja Católica, padre Haasler agregou a realidade de carência educacional da região de Jacobina como justificativa para a fundação das Escolas Paroquiais. Através dessas suas ações evangelizadoras e educadoras transformariam “pouco a pouco, estas regiões, até bem pouco espiritualmente abandonadas, em núcleos edificantes de fé”²⁰.

De acordo com o estatuto da Associação das Escolas Paroquiais, **São Bernardo**, patrono da Ordem de Cister, era também o patrocinador desse projeto educacional, caracterizando-o como empreendimento missionário dos “monges de branco”²¹ nos sertões das Jacobinas.

No que se referiu ao Patrimônio da Associação das Escolas Paroquiais, o estatuto sinalizava para a “cooperação” dos poderes públicos, facilmente detectado no artigo primeiro do capítulo II: “o patrimônio e renda da associação constarão das doações, subvenções e auxílios dos poderes públicos ou quaisquer outras rendas”, o que tornou evidente a estreita relação entre a criação das Escolas Paroquiais e a elite política local de quem rapidamente o padre Alfredo procurou se cercar, embora toda a resistência que enfrentou na cidade era por ser estrangeiro.

Na sua primeira versão, de 1939²², no Capítulo II tratou dos *administradores e Associados* da seguinte maneira:

Artigo 8 – A associação compor-se-á de sócios efetivos, cooperadores e benfeitores. Parágrafo primeiro: serão sócios efetivos os que assinam este estatuto e prestam uma contribuição econômica ou intelectual à associação e residem nesta cidade. Parágrafo segundo: os sócios cooperadores serão todos aqueles que deram sua contribuição material ou moral à associação e forem escrito em livro próprio. Parágrafo terceiro: serão sócios benfeitores aqueles que contribuírem com a importância de Cr\$ 1.000,00 (um mil cruzeiros) ou mais. Parágrafo quarto: A Associação poderá dar o título de sócio benfeitor (aqueles que contribuam com uma quantia a partir de CR\$ 1.000,00 – um mil cruzeiros) a juízo do Conselho Administrativo, quando julgar conveniente, aqueles que tiverem prestado serviços relevantes a associação²³.

Assim, o benfeitor era aquele que não somente contribuísse materialmente com a Associação, mas também os que prestassem “serviços relevantes” junto a ela. Há que se considerar o significado desse título entre aqueles que o recebiam. Ao analisar o anel de formatura como um agente de mobilidade social na Bahia mestiça do início do século XX, Thales de Azevedo destacou a importância do título de doutor como símbolo de status e mobilidade social.

Segundo esse autor, o hábito de usar o “*anel simbólico*” se constituía em uma forma das pessoas serem identificadas e tratadas correspondentemente²⁴. Reportando-se à Jacobina e as Escolas Paroquiais, o recebimento de títulos de “benfeitor” destas, outorgado pela Igreja Católica numa sociedade predominantemente cristã, constituiu-se como símbolo de respeito e autoridade no meio social jacobinense, contribuindo assim para a inserção daqueles que receberam o “título” no quadro das elites locais.

Outras associações também estiveram presentes no trabalho de “benfeitoria” das Escolas Paroquiais, como a Associação de Senhoras Betânia, que tinha a finalidade de cuidar das alfaias da Igreja costurando novas e restaurando roupas comuns usadas para agasalhar os mais necessitados e o Clube Santa Maria Goretti que asseguraria a formação moral e religiosa da juventude feminina, preparando catequistas de crianças na sede da Paróquia. Além dessas associações, os médicos e representantes de laboratórios de remédios também auxiliavam nesse trabalho, doando-lhes medicamentos a serem doados durante as *desobrigas* e atendendo aos doentes durante a realização dessas mesmas.

Sobre estes benfeitores, alguns aparecem nas narrativas orais, outros na biografia escrita por Lemos e no jornal *Vanguarda* que, em algumas matérias, listou nomes de médicos e pessoas que cooperavam “prestando serviços relevantes à associação”.

Para a década de 1950, os médicos Péricles Laranjeira e Florisvaldo Barberino²⁵ são nomes que apareceram como colaboradores do padre Alfredo, em matéria publicada pelo Jornal Vanguarda. Flavio Mesquita²⁶, também médico, desenvolveu essa função nos anos 1960. Nomes como os de Dalila Teixeira – presente como sócia da associação desde a ata de fundação - além de senhoras das sociedades locais que os ajudavam nas desobrigas e nos trabalhos de caridades junto às instituições fundadas por ele, apareceram na biografia escrita por Lemos, como pessoas que estiveram juntas ao padre, o apoiando com seus serviços.

Dessa forma, o título do “benfeitor da Associação” auxiliou o padre Alfredo a construir alianças com as elites jacobinense e região. A representação simbólica que o recebimento de tal título significava para os indivíduos tornou-se um ponto de barganha entre os interesses políticos das elites locais e a Igreja Católica.

Ao todo foram fundadas 48 Escolas Paroquiais espalhadas pelos sertões das Jacobinas, contudo o levantamento e análise das fontes indicou que apenas 27 funcionaram ao mesmo tempo até o final da década de 1960. Com essas escolas padre Haasler manteve a “ferro e fogo” sua missão cisterciense de evangelizar os sertões e apesar de ter estado fora do claustro no Mosteiro, manteve-se *eremita* e carregou o claustro em seu próprio corpo mortificado pelas *desobrigas* e pelo rigor e disciplina que caracterizaram a sua personalidade para o povo daquela região.

O sistema rígido e o controle que o padre exerceu sobre a vida de suas professoras, ao serem analisados a partir da ótica Cisterciense, revelou que o monge aplicara a *regra de São Bento* nas Escolas Paroquiais e na vida de suas professoras, a quem o tempo era revezado entre o trabalho e a missão evangelizadora: *ora et labora*. Reza e trabalha esse é o lema cisterciense para mortificar o corpo, enclausurar a alma e elevar-se a Deus.

A observância dessa regra custou àquelas que se submeteram ao rígido sistema das escolas, a possibilidade de casarem, terem filhos e uma vida social mais ativa. Por outro lado, para muitas dessas mulheres, as Escolas Paroquiais constituíram-se como a

única via que lhes possibilitaria ascensão social, prestígio e uma forma de inserirem-se dignamente no mercado de trabalho sem perderem a honra de, na sociedade das décadas de 1940, 1950 e 1960, trabalharem fora das cidades onde moravam suas famílias.

Em suma, padre Alfredo defendeu um Cristianismo conservador e conduziu o seu rebanho a partir do princípio romanizador da Igreja Católica Apostólica Romana, se tornando assim, peça fundamental para o resgate do catolicismo romano na região, durante todo o período em que esteve à frente da paróquia de Santo Antonio de Jacobina. Contudo, sua ação evangelizadora não conseguiu “romanizar” completamente os sertões das Jacobinas. Apesar de todo seu esforço, rigor e disciplina, o catolicismo popular não fora extinto das práticas cotidianas do sertanejo. A luz da análise das fontes, compreendemos que na disputa com outros credos pelo campo religioso da região, a Igreja Católica conseguiu “atingir” seu objetivo e manteve-se até hoje, como religião predominante, ainda que frente ao crescimento de espíritas e evangélicos. Entretanto, o sincretismo do catolicismo popular, caracterizado nas festas religiosas, nas procissões, nas rezas e rezadeiras, também sobreviveu ao projeto romanizador.

Padre Alfredo “mudou” o sertão levando-lhe uma igreja mais próxima, caritativa, assistencialista, dando ao povo desassistido de políticas públicas, educação, saúde e a palavra de Deus. Mas as intempéries e a vida difícil e pobre dos sertões também ofertou a padre Alfredo a possibilidade de exercitar e aplicar os três principais pontos de observância da regra cisterciense: a caridade, a pobreza e a castidade. Por isso, ele costumava dizer que “na pobreza, sentiu-se bem junto ao povo”²⁷.

¹ Gilmara Ferreira de Oliveira Pinheiro. Professor da UNEB/ Mestrando do PPG em História UEFS. Bolsita PAC-DT UNEB. E-mail gmaraf@hotmail.com e/ou gmaraf73@gmail.com

² DALABRIDA, Noberto. Das Escolas Paroquiais às PUCs: República, Recatolização e Escolarização. In: BASTOS, Maria Helena Câmara e STEPHANOU, Maria. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Vol. III – século XX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005. PP 79-84.

³ HORTA. José Silvério Baía. O Hino, o Sermão e a Ordem do Dia. A educação no Brasil. (1930-1945). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994. Pág. 99.

⁴ Pertenciam à Paróquia de Jacobina, nessa época, os municípios de Capim Grosso (Peixe e Caiçara), Serrolândia (Roçadinho, Quixabeira e Jabuticaba), Miguel Calmon (Queimada do Canto, Dias Coelho, Bananeira, Tapiranga, Várzea do Poço, Itapicuru, Queimada do Canto e Nova Esperança) e Jacobina (Junco, Paraíso, Pedras Altas, Piabas, Baraúna, Gonçalo, Ohos D'Água, Caem, Coqueiros, Cafelândia, Jenipapo, Catinga do Moura, Lages, Santo Antônio, Várzea Nova, Tabua, São Bento, Ouro Branco, Alação, Lagoa do 33, Aurore, Umburana e Alagadiço).

⁵ Algumas reportagens entre os anos de 1933 e 1940 indicaram a falta de professores e de escolas bem como denunciavam o descaso com a educação naquele município. ADMJ/NEO.NEEC-UNEB IV. **A DEFICIÊNCIA DO ENSINO NO INTERIOR**. Jornal *O Lidador*. Jacobina, 06 de dezembro de 1936. Edição 163. Páginas 01 e 04. **ITAPICURU RECLAMA UM DISTRITO DE PAZ E UMA ESCOLA PÚBLICA**. Jornal *O Lidador*, Jacobina, 30 de abril de 1939. Edição 283. Pág. 02.

-
- ⁶ ADMJ/NEO.NEEC-UNEB IV. **ITAPICURU RECLAMA UM DISTRITO DE PAZ E UMA ESCOLA PÚBLICA**. Jacobina. Jornal *O Lidador*. Ano VI. Edição 283. 30 de Abril de 1939. Pág. 02. *Grifos meus*.
- ⁷ ADMJ/NEO.NEEC-UNEB IV. **ANALFABETISMO EM 1940**. Jacobina. Jornal *Vanguarda*. Ano IX. Edição 440. 19 de abril de 1958 pág. 04.
- ⁸ ADMJ/NEO.NEEC-UNEB IV. **ANALFABETISMO EM 1940**. Jacobina. Jornal *Vanguarda*. Ano IX. Edição 440. 19 de abril de 1958 pág. 04.
- ⁹ CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em Cena. Propaganda Política no Varguismo e no Peronismo*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998. Pág. 218.
- ¹⁰ Circulou na cidade de Itaberaba a partir da década de 1920.
- ¹¹ Jornal *O Itaberaba*, Itaberaba, 18 de Outubro de 1947. Pág. 02.
- ¹² Com sede na casa paroquial, situada na Rua Professor Tavares, número quinze, próximo a Igreja Matriz, localizada no centro da Cidade de Jacobina o que facilitava o acesso a quem chegasse de fora da cidade e também os encontros para as reuniões. A partir do ano de 1952, quando foi fundado o Instituto das Irmãs Missionárias do Espírito Santo, o endereço passou a ser a sede do convento dessas Irmãs.
- ¹³ LEMOS, Doracy Araújo. *O Missionário do Sertão*. 1999. Op. Cit. Págs. 19-24.
- ¹⁴ Narração do senhor Antonio Alves de Souza Neto, primeiro professor das Escolas Paroquiais. In: Lemos, Doracy de Araújo. *O Missionário do Sertão*. 1999. Op. Cit. Pág. 100. *Grifos meus*.
- ¹⁵ Informações cedidas pelos abades cistercienses Antônio Moser e Meinrado Schroeger e os irmãos do mosteiro de Jequitibá. In: LEMOS, Doracy Araújo. *O Missionário do Sertão*. Op. Cit. Pág. 151.
- ¹⁶ ADMJ/NEO.NEEC-UNEB IV. **UM PATRONATO E UM COLÉGIO. Serão fundados, nesta cidade, pelo Bispo de Bomfim**. Jacobina. Jornal *O Lidador*. Ano V. Edição 234. 01 de Maio de 1938. Pág. 01.
- ¹⁷ Estatuto da Associação das Escolas Paroquiais de Jacobina – 15 de Agosto de 1939. *Grifos meus*.
- ¹⁸ DALABRIDA, Noberto. Das Escolas Paroquiais às PUCs: República, Recatolização e Escolarização. In: BASTOS, Maria Helena Camara e STEPHANOU, Maria. *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. 2005. Op. Cit. Pág. 77.
- ¹⁹ SEIDL, Ernesto. *A Elite Eclesiástica*. 2003. Op. Cit. Pág. 109.
- ²⁰ TRINDADE, D. Henrique Golland. Carta Prefácio. In: WIESINGER, D. Aloísio. *São Bernardo. Abade de Claraval. Doutor da Igreja*. 1944. Op. Cit. Pág. 07.
- ²¹ Os cistercienses também são conhecidos como “monges de branco” ou “monges de cinza” devido a opção por vestes brancas em contraste ao hábito preto dos beneditinos.
- ²² Entre os anos de 1939 e 1975, o Estatuto sofreu duas alterações. Uma em 25 de Agosto de 1966, outra em 14 de Abril de 1975.
- ²³ Estatuto da Associação das Escolas Paroquiais de Jacobina – 15 de Agosto de 1939. *Grifos meus*.
- ²⁴ AZEVEDO, Thales. *As Elites de Cor Numa Cidade Brasileira. Um estudo de ascensão social e Classes sociais e grupos de prestígio*. Salvador: EDUFBA, 1996. Pág. 134.
- ²⁵ Tornou-se prefeito de Jacobina no final da década de 1950.
- ²⁶ Tornou-se prefeito de Jacobina no final da década de 1970.
- ²⁷ LEMOS, Doracy Araújo. *O Missionário do Sertão*. 1999. Op. Cit. Pág. 93.